



O DESBRAVADOR

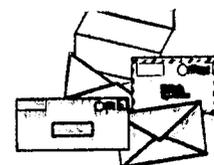
ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"



SE O MUNDO INTEIRO LOUVASSE A MARIA, SE EM TODOS OS SERMÕES SE FALASSE SÓ DE MARIA, SE TODOS OS HOMENS DESSEM SUA VIDA POR MARIA, TUDO ISSO SERIA AINDA MUITO POUCO EM COMPARAÇÃO COM A VENERAÇÃO E GRATIDÃO QUE LHE DEVEMOS PELO TERNO AMOR QUE ELA CONSAGRA A TODOS OS HOMENS E QUE ELA NÃO NEGA NEM MESMO AOS MAIS MISERÁVEIS PECADORES QUE AINDA CONSERVAM EM SEUS CORAÇÕES UMA PEQUENA DEVOÇÃO A ELA.

(Santo Afonso Maria de Ligório)

Escrevem os Leitores



Com esta comunico-lhes ter mudado de endereço.

Quando serão publicadas matérias sobre Santa Joana D'Arc e sobre Santo Ivo, o glorioso padroeiro dos advogados?

LAÉRCIO EULER BANZATO

SÃO PAULO - SP

Resp.: Aguarde para breve uma resposta aos seus pedidos.

A matéria sobre a santidade, realmente hoje em dia é muito difícil sermos e levarmos uma vida de santo, mas não chega a ser impossível. Para isso basta um pouco de paciência e força de vontade e acreditar que o Espírito Santo fará a sua obra desde que façamos nossa parte como cristãos.

Confesso que falta muito para me santificar, por isso peço à Virgem Maria que me ajude, pois prefiro morrer tentando ser santa do que a vergonha de nunca ter tentado sê-lo.

Peço a Deus que nos abençoe e consigamos de fato ser santos num mundo imoral onde se prega a banalidade e a frivolidade. Nós católicos devemos pregar o Santo Evangelho de Jesus. Deixo-vos na graça do Espírito Santo.

ELIANE LOURENÇO DA SILVA

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - SP

Queridos e amados irmãos de "O Desbravador", envio-lhes recibos de depósitos feitos na conta do Grêmio de Nossa Mãe. Peço-lhes, por caridade, não me deixem sem receber "O Desbravador". Recebo-o sempre creio sendo das Mãos Carinhosas, Amorasas e Atenciosas de Minha Mãe Maria Santíssima. Não recebe-lo é motivo de grande tristeza para mim.

Aproveito para pedir-lhes uma matéria sobre Santa Gemma Galgani e São Luis, Rei da França.

MARTA

FORTALEZA - CE

Resp.: Aguarde para breve uma resposta aos seus pedidos.

Venho através desta informar o novo endereço.

DR. CLAUDIO GOMARA DE OLIVEIRA

SÃO PAULO - SP

Comunico a V.Sas. que desde janeiro de 2004 não recebo os exemplares de "O Desbravador". Qualquer correspondência favor enviar para a nova caixa postal...

Meu endereço de residência também mudou. Se houver necessidade do mesmo peço para comunicar-me.

Obrigada por ter sempre estes textos preciosos que compõem esta bela revista.

MARIA DO CARMO SILVA

CARAPINA-SERRA - ES



O DESBRAVADOR

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO "SANTA MARIA"

DIRETOR

MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
PE JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO

HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS
JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO

PE SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA

PATRICIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO MAZZI RUFINO
SHEFFERSON SANDER FERREIRA
MARIA PAULA BRANCO DE MATOS

EXPEDIÇÃO

JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO
FRANCISCO JOSÉ BRANCO DE MATOS
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
ROGÉRIO VERÍSSIMO
MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

COMPOSIÇÃO
ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"



CORRESPONDÊNCIA
CAIXA POSTAL - 1525
01059 - 970 SÃO PAULO SP
e-mail - odesbravador@uol.com.br

Editorial

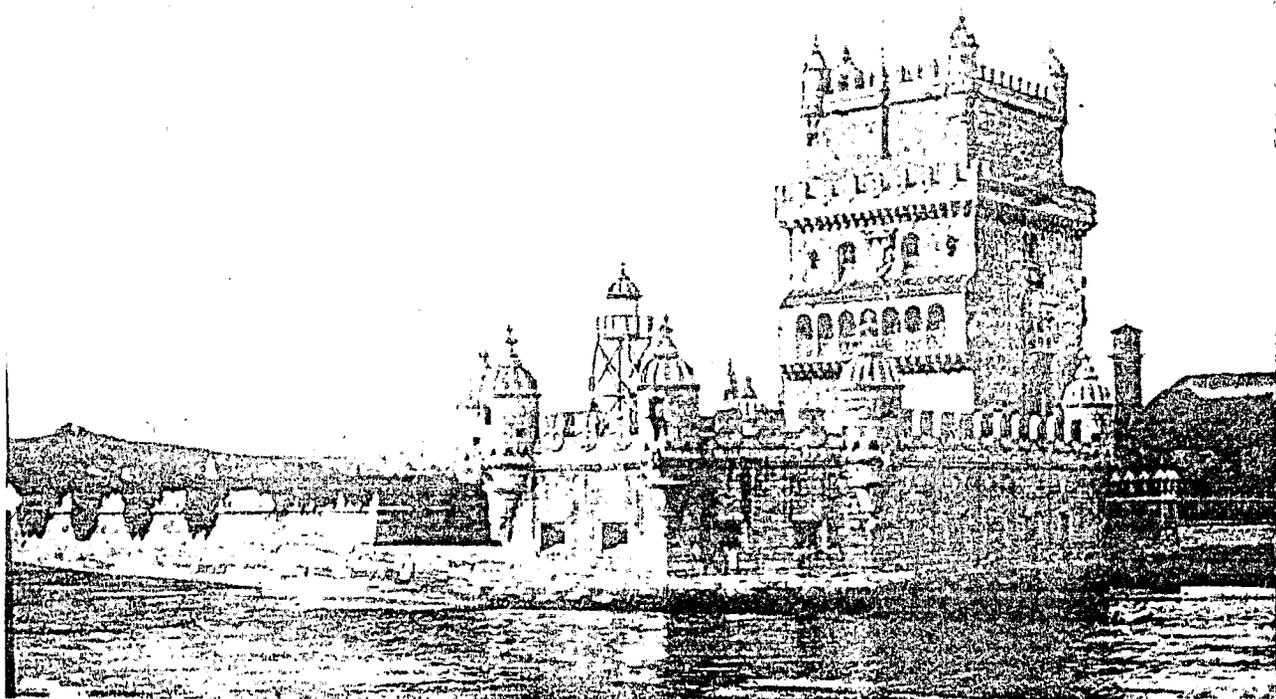
Em um mundo hedonista e materialista como o nosso, poucos se importam com os valores da Fé, poucos se incomodam com a glória de Deus ou a salvação das almas. Quem por exemplo se incomoda se ocorre uma profanação ou um sacrilégio? Infelizmente quase ninguém. Para o mundo de hoje, as coisas de Deus pouco dizem, só se quer ver as mesquinhas coisas da matéria. Fala-se em falta de proteínas, em morte das baleias, em derrubada de árvores, mas diante de milhares de crianças abortadas, da "legalização" de uniões homossexuais, da proliferação de seitas há um calar quase que geral e unânime.

Ouvimos agora falar que, em Fátima, na igreja local, houve um culto hindu. Tal notícia seria de causar justa e santa indignação nas almas, mas quase nada se comentou.

Aonde estão aqueles que se levantam para proclamar a Realeza de Nosso Senhor e Nossa Senhora? Aonde estão as almas que inflamadas de zelo, bradam aos quatro cantos, dizendo não à infâmia, não à perda de inúmeras almas, não à penetração da fumaça de satanás na casa de Deus?

Falamos assim, para ver se encontramos pessoas a dizer essa série de não's que se fizerem necessários. Mas também para localizar gente disposta a dizer sim a Deus, à Igreja, à virtude, pois quem diz esse sim saberá dizer aqueles não's.

Imploramos a Nossa Senhora que nos faça saber da existência de tais almas e principalmente que suscite essas almas e as faça perseverar na virtude e nessa luta.



Buscai ao Senhor enquanto é tempo

Vivemos nesse mundo em preparação para a vida Eterna. Nascemos para o Céu, e temos de merecê-lo aqui na Terra.

Se nos salvarmos tudo estará salvo, ainda que tudo tenhamos perdido, mas se nos condenarmos, tudo estará perdido, ainda que tenhamos tido grandes conquistas terrenas. De que nos servirão para a Eternidade, os prazeres, as riquezas e a fama? Nada, e pelo contrário contribuirão decisivamente para a perdição.

Pessoas existem que não desejam condenar-se, mas vão adiando sempre sua conversão. Alegam mil desculpas para isso: falta de tempo, negócios, compromissos familiares etc.



No fundo dizem que na hora da morte se convertem, se confessam e se salvam. Como se enganam.

As Sagradas Escrituras narram inúmeras mortes e somente um pecador se converte nessa hora, o bom ladrão, São Dimas, o que mostra que essa não é a regra, que devemos nos converter o quanto antes.

Na verdade, quando se deixa a conversão para a última hora, esquece-se de algumas coisas, tais como a morte repentina, a falta de disposições na hora extrema, a falta de oportunidade de se confessar, os achaques da doença final.

Mas existe um ponto que gostaríamos de frisar que é o enraizamento da pessoa nas mazelas terrenas.

Assim, uma pessoa amasiada e com filhos, que não larga a má vida. Primeiramente não o faz pela paixão, depois

pelos filhos, depois por seu sustento, depois pelos netos e de empecilho em empecilho, corre para a eterna perdição. Uma alma assim deve o quanto antes se converter, deve prontamente deixar o laço infame, arrepender-se e confessar-se a um padre, mudando de vida. Deve, em outras palavras, buscar ao Senhor enquanto é tempo.



Ou então uma pessoa que só quer se converter, depois de acertar sua situação econômica e financeira. Ora, depois de um bom emprego, vai querer comprar uma casa, depois um carro, depois outra casa e a conversão não chegará nunca.

Buscai ao Senhor enquanto é tempo. O tempo ideal é agora. Leitor amigo converta-se já.

Antes de terminar esse artigo, reze uma Ave Maria e peça a graça da conversão à Nossa Mãe Celestial, depois reze um bom ato de contrição e logo, bem logo faça uma confissão a um padre.

Faça isso enquanto é tempo. Faça isso agora, pois amanhã pode não haver mais tempo. Amanhã você poderá ter morrido e se condenado. Lembre-se de Santo Agostinho que dizia: "amanhã, amanhã, por que não hoje, por que não pôr fim imediatamente às minhas torpezas?"

RIPAX
Premium
Quality
Paper **Laser 75**

Imprimimos
com

AOS PAIS

Santo Afonso Maria de Ligório

Deves praticar a caridade efetiva para com todos os homens, mas em particular para com os membros de tua família. Se morasses num deserto, a caridade do próximo te seria menos necessária; bastaria, para tua santificação que te desses à oração e à penitência; vivendo na família, porém, te sobrecarregarás de muitas faltas e te condenarás talvez se não praticares a caridade. Se um navio se acha no mar durante uma forte tempestade, os viajantes só pensam em se auxiliarem uns aos outros e assim escaparem ao naufrágio. Da mesma forma Deus Nosso Senhor colocou-te e a teus pais e parentes em um navio, no qual vos deveis ajudar mutuamente para escapardes do naufrágio da morte eterna e atingirdes o porto da salvação, o céu, isto é, aquele lugar feliz, onde haveis de cantar eternamente, uns com os outros, os louvores de Deus.



1) Se és pai ou mãe, pensa então continuamente em teus deveres para com os filhos que Deus te concedeu. É certo que o bom ou mau comportamento dos filhos procede regularmente da boa ou má educação recebida de seus pais. Deus instituiu o matrimônio para que os filhos o sirvam sob a direção de seus pais e, deste modo, se salvem. Sem esta disposição de Deus ficariam os filhos entregues a si mesmos, e não teriam ninguém que os recordasse de seus deveres, os repreendesse de seus defeitos, os castigasse quando não se quisesse emendar. A experiência ensina que pais virtuosos educam filhos virtuosos. S. Catarina da Suécia teve por mãe a S. Brígida. S. Luis, rei da França, teve por mãe a grande serva de Deus, a rainha Branca.

Esta piedosa mãe repetia muitas vezes a seu filho: meu filho, preferia ver-te morto a cometeres um pecado mortal. Uma outra mãe que conheci, fazia também tudo o que estava em seu poder para que seus filhos vivessem santamente, e costumava dizer: não quero ser mãe de filhos condenados.

Infelizmente, porém, existem pais que parecem não ligar a mínima importância à educação de seus filhos; que sejam bons ou maus, que se salvem ou se condenem. Muitos recebem contristar a seus filhos com suas repreensões ou castigos e tornam-se, com isso, culpados de sua perdição eterna.

Esses pais são verdadeiros bárbaros. Não seria bárbaro um pai que, podendo salvar da morte um seu filho que caiu no rio, deixasse de o fazer para não causar-lhe uma pequena dor momentânea ao arrastá-lo

pelos cabelos? Pois é uma crueldade muito maior deixar de corrigir ou castigar um filho culpado, para não lhe causar um aborrecimento. Não seria talvez cruel um pai que desse a seu filho uma faca afiada, pondo-o assim em perigo de ferir-se gravemente? Muito mais cruéis são, porém, os pais que dão dinheiro a seus filhos para que o empreguem a seu bel prazer ou que lhes permitem freqüentar maus companheiros ou casas suspeitas.

Antes de tudo devem os pais empenhar-se em afastar seus filhos das más ocasiões do pecado, pois essas são as fontes de todos os males.



Quando não bastam as boas palavras e admoestações, deve-se empregar o castigo. Não se deve esperar até que os filhos se tornem grandes, pois, tendo chegado a uma certa idade, torna-se quase impossível corrigi-los. "Quem poupa vara, aborrece seu filho; mas quem o ama, corrige-o continuamente". (Prov 13, 24). É odiar não castigar quando necessário. Deus castigará com todo o rigor os pais que não castigarem seus filhos. Porque o sumo sacerdote Heli deixou de castigar seus filhos, que procediam mal, enviou-lhe o Senhor a morte no mesmo dia em que seus filhos pereciam na batalha, como nos conta a Escritura.

Contudo, deve-se castigar os filhos com medida e não com ira, como costumam fazer muitos pais. Faltando a moderação, os pais não conseguirão seus fins e só induzirão seus filhos a maiores faltas. Primeiramente se deve admoestar, então ameaçar, e, finalmente, castigar, mas como pai, com amor e sem imprecações.

É obrigação dos pais vigiar também seus filhos; devem sempre saber onde se

acham e com quem andam os filhos. De forma alguma, pois, se poderá desculpar aquelas mães que, para verem suas filhas em breve casadas, consentem que sejam visitadas a toda hora por seus namorados que pouco se importam que vivam em estado de pecado ou da graça de Deus. Estas são aquelas mães de que fala David, que sacrificam suas filhas ao demônio por proveitos materiais. "E imolaram ao demônio seus filhos e suas filhas" (Sl 105, 37). Algumas mães introduzem pessoalmente rapazes em suas casas, para que se entretendam com suas filhas e, finalmente, emaranhados nas redes do pecado, vêm-se obrigados a contrair casamento com elas. Essas mães infelizes não vêem que assim se acorrentam ao inferno com outras tantas cadeias quantos são os pecados cometidos nessas ocasiões. E dizem ainda: Não acontece nenhum mal, como se fosse possível não se queimar uma palha lançada no fogo.

Os pais estão igualmente obrigados a dar bom exemplo a seus filhos. Estes, principalmente quando pequenos, imitam tudo o que vêem, com a agravante de seguirem mais facilmente o mal, ao qual nos sentimos inclinados por natureza, que o bem, que contraria nossas inclinações perversas. Como poderão os filhos comportar-se irrepreensivelmente, se ouvirem seus pais blasfemar a miúdo, falar mal do próximo, injuriá-lo e desejar-lhe mal, prometer vingar-se, conversar sobre coisas indecentes e defender máximas ímpias, como estas: "Deus não é tão severo como dizem os Padres; ele é indulgente com certos pecados etc". O que se tornará a filha que ouve sua mãe dizer: É preciso deixar-se ver no mundo e não se enclausurar como uma freira em casa? Que bem se pode esperar dos filhos que vêem seu pai o dia inteiro sentado na taberna e, depois, chegar bêbado a casa, ou então visitar casas

suspeitas, confessando-se uma só vez no ano ou só muito raramente? S. Tomás diz que tais pais, de certo modo, obrigam seus filhos a pecar. Este é um mal de que se origina a perdição de muitas almas, pois os filhos imitam o mau exemplo dos pais e dão, mais tarde, por sua vez, mau exemplo a seus filhos, e desta maneira pais, netos e gerações inteiras perdem-se miseravelmente.

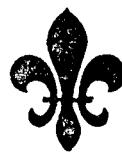
Muitas vezes queixam-se os pais que seus filhos são maus, mas como se poderá colher uvas de espinhos? Pergunta o divino Salvador. Como poderão os filhos ser bons, se os pais não prestam? Só por milagre.

Um pai de família que quiser bem governar a sua família deverá, antes de tudo, cuidar em afastar o mal de sua casa e em promover o bem. Quanto ao primeiro ponto, atenda ao seguinte: 1) Impeça que seus filhos convivam com maus companheiros ou criados corruptos, ou que se empreguem em casas de pessoas que não tenham boa fama; 2) Afaste de sua casa todos os criados ou criadas que possam ser ocasião de pecados para seus filhos ou filhas. Um bom pai evita contratar criadas moças quando tem filhos púberes; 3) Não permita em sua casa nenhum livro que contenha coisas indecentes ou histórias amorosas: tais livros são uma peste para os jovens. Certo rapaz, objeto de admiração e veneração de uma cidade inteira, leu, por acaso, um livro imoral, e tornou-se tão depravado que, para evitar escândalo público, viu-se o magistrado forçado a desterrá-lo. Um outro jovem, que se esforçava em vão por vencer a virtude de uma moça, conseguiu o seu intento dando-lhe à ler um romance amoroso. Maior seria ainda a desgraça, se um pai de família permitisse em sua casa livros que atacam a fé e impugnam a Santa Igreja; 4) Retire de sua casa todos os quadros inconvenientes e, particularmente, os indecentes; 5) Proíba

severamente a seus filhos tomar parte em divertimentos que oferecem ocasião de pecado.

Quanto ao segundo ponto, observe o seguinte: 1) Cuide que todos os que lhe são sujeitos peçam a Deus, pela manhã, a graça de não cometerem pecado algum durante o dia e que rezem, nessa intenção, três Ave-Marias, pedindo a proteção da Virgem; 2) Cuide que seus filhos se aproximem, no tempo conveniente, dos santos sacramentos. Não os obrigue, contudo, a se confessarem e comungarem amiudadas vezes, nem lhes imponha a obrigação de se confessarem com determinado confessor, para se evitem sacrilégios.

Para que se acostumem a cumprir com o que lhes é rigorosamente prescrito, é muito útil acostumá-los a exercícios de piedade, que não são propriamente de preceito, como a recitação cotidiana do terço e das ladainhas de Nossa Senhora, o exame de consciência, à noite, recitação dos atos de fé, esperança e caridade, visitar o SS. Sacramento, fazer novenas em preparação às festas de Nossa Senhora, praticar pequenas mortificações e privações. Não deixe de mandar à igreja seus filhos, quando há pregações ou exposição do SS. Sacramento, retiros ou qualquer outra devoção.

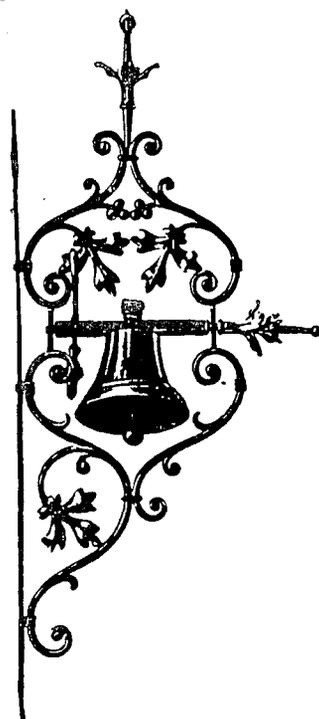


O Espírito Santo diz: "Tens filhos? Instrui-os e dobra-os desde a sua meninice" (Ecle 7, 25). S. Luis, rei de França, costumava fazer o sinal da cruz antes de começar qualquer ação. "Isto me ensinou minha mãe, dizia ele, quando era ainda pequeno".

Oxalá que todos os pais incutissem bons costumes a seus filhos; infelizmente cuidam eles mais em procurar para os filhos

bens temporais que espirituais e eternos, e, assim, perdem-se uns e outros. 3) Empenhe-se em inculcar a seus filhos máximas cristãs, por exemplo, a necessidade de fugir das más companhias e ocasiões perigosas, a conformidade com a vontade divina, o paciente sofrimento nas adversidades da vida, a insignificância das riquezas e prazeres terrestres etc. Ponha muitas vezes diante de seus olhos a desgraça imensa dos que vivem em pecado mortal e a importância do negócio de nossa salvação. Previna-os contra a vaidade do mundo, lembre-lhes a hora da morte, com a qual tudo se acaba, mostre-lhes a grande importância da devoção à SS. Virgem.

Impressas no espírito ou coração dos filhos estas verdades, começarão a agir conforme elas e acostumar-se-ão a regular cristãmente sua vida.



COLABORE COM O DESBRAVADOR

- ◆ Atravessamos dias difíceis. É sabido que ocorrem dificuldades financeiras em nosso país.
- ◆ Quanto a nós, os gastos cresceram de forma assustadora. Só para dar um exemplo, a tarifa de correio aumentou-nos consideravelmente.
- ◆ Não queremos e não podemos mudar o que nos propusemos desde o nosso primeiro número, qual seja, "O Desbravador" deve ser gratuito e, com auxílio de Nossa Senhora, continuará a sê-lo.
- ◆ Mas, mais uma vez pedimos sua colaboração. Qualquer quantia é preciosa. Basta você ir aos bancos mencionados, em qualquer agência deles, e fazer o depósito nas contas que seguem.

BANCO ITAÚ

CONTA CORRENTE 00433 - 0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP

BRADESCO

CONTA CORRENTE 24019 - 2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP

Em nome de **GRÊMIO SANTA MARIA**

QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE

SANTA FRANCISCA XAVIER CABRINI (1850-1917)

Francisca Cabrini nasceu na Lombardia, Itália Setentrional, em 1850, e foi a mais moça de uma importante família. Freqüentou a escola das Filhas do Sagrado Coração, era muito inteligente e esperta e quis ser professora. Mas, como também era de espírito muito religioso, decidiu ser freira. Infelizmente, porém, foi recusada, por não ter saúde, o que a desapontou amargamente. Seguiu-se um mau período. Com suas qualificações de professora, ela voltou tristemente para casa, onde enfrentou um sério ataque de catapora por ter cuidado de pessoas com essa doença, e presenciou a partida da sua amada irmã Rosa com seu irmão para a Argentina. Francisca tinha então 20 anos.

Ela passou os anos seguintes ensinando numa escola de aldeia e depois, a urgente pedido do sacerdote da cidade vizinha de Codogno, trabalhou num orfanato ali existente. Embora este trabalho não fosse satisfatório em si, já que Francisca decidira ser professora e freira, trabalhando nos países missionários do Oriente, ele a colocou no caminho certo – pois algumas das órfãs e das suas ajudantes abraçaram mais tarde o seu ideal e formaram o núcleo da sua ordem, iniciada em 1880, com o encorajamento do bispo, que lhe disse: “Você quer ser missionária. Não conheço nenhum instituto para irmãs missionárias. Crie um você mesma.” Assim, ela e seu pequeno grupo de seguidoras, usando um simples traje negro, fizeram seus votos e deram a si mesmas o nome de Ordem das Irmãs Missionárias do Sagrado Coração.

Sua primeira casa foi num mosteiro abandonado em Codogno, a segunda foi próximo de Cremona e a terceira em Milão. Sete escolas foram fundadas em sete anos, e, em 1887, Madre Cabrini, como era chamada, foi para Roma. Um cardeal lhe pediu imediatamente que abrisse duas escolas, uma no bairro miserável da cidade e outra numa



região muito pobre da Campanha, perto de Roma. O que ela realmente queria, entretanto, era a aprovação papal para a sua ordem.

Ao falar com o Papa a esse respeito, ela lhe disse do seu desejo de ir para os países de missão do Oriente. Ele deu uma resposta que se tornou famosa: “Não para o Oriente, mas para o Ocidente”. E acrescentou: “Você encontrará um vasto campo de trabalho nos Estados Unidos”. Naquela época, navios carregados de imigrantes italianos estavam chegando à América do Norte. Gente pobre, com árdua luta à sua espera; uma luta em que o crime seria tentador, se não houvesse emprego. Além disso, os imigrantes italianos eram considerados inferiores por muita gente que já morava na América rica, chegando mesmo a haver casos de linchamento. O Papa estava bem informado a respeito e via uma premente necessidade de escolas e orfanatos católicos para dar ajuda e conforto à crescente população italiana. Madre Cabrini foi uma pessoa enviada do céu para

enfrentar a situação – aquela cujos lemas eram: “Tudo posso naquele que me dá força” (Filipenses 4, 13) e a frase: “Se é possível, pode ser feito; se impossível, tem de ser feito.”

Assim, Madre Cabrini partiu para Nova Iorque e agora sua vida passa a ser estatística. Ela atravessou o Atlântico trinta e sete vezes e criou escolas e orfanatos por todos os Estados Unidos, desde Nova Iorque até São Francisco, na América Central e na América do Sul (Argentina e Brasil). Estava tão ansiosa por ter freiras espanholas para ajudá-la em sua obra na América do Sul (onde podiam falar sua própria língua) que fez esforços especiais para fundar casas e procurar vocações na Espanha. Houve também fundações na França e na Inglaterra. De volta aos Estados Unidos, fundou verdadeiras colônias para italianos em Nova Orleans – escolas, orfanatos e lugares onde se podia dizer Missa. Para os pescadores que trabalhavam durante muito tempo em horários difíceis, ela organizou uma Missa especial às 2 horas da manhã. Isso foi em 1892.

No mesmo ano pediram-lhe que cedesse algumas irmãs para trabalhar num hospital, mas ela relutou em aquiescer: sua ordem era de professoras, não de enfermeiras. Além disso, tinha ela um horror pessoal a doenças desde sua experiência com a catapora. Mas então teve um sonho em que viu Nossa Senhora a mover-se entre as camas de um hospital repleto e no sonho Nossa Senhora olhou para ela e disse: “Estou fazendo isso porque você se recusou a fazê-lo”.

Assim Madre Cabrini fundou um hospital em Nova Iorque, dando-lhe o nome de Columbus Hospital, porque 1892 foi o 400º aniversário do descobrimento do Novo Mundo por Colombo, e também porque, tendo sido ele o primeiro imigrante italiano, ela achou que por esse motivo os italianos saberiam que o hospital era especialmente para eles. Ela fundou outros, com o mesmo nome, em Seattle e Chicago. Parecia ter poderes maravilhosos para convencer as pessoas ricas a fazerem doações para suas fundações. Ela própria vivia uma vida árdua, muitas vezes dormindo no chão.



Com o correr do tempo Madre Cabrini mais se santificou, como mostra o incidente do hospital. A princípio ela parecia carecer de amor humano, mas este cresceu à medida que ela se aproximava de Deus e aprofundava sua vida espiritual até sua morte, aos 67 anos de idade. Muita oração deve ter precedido seus longos períodos de ajuda na prisão de Sing Sing. Suas obras de caridade e seu amor aos filhos de Deus aumentaram seu amor por Deus. Ela confiava absolutamente n’Ele. Em 1909 tornou-se cidadã norte-americana e, quando canonizada, foi a primeira santa daquela cidadania. Foi declarada padroeira de todos os imigrantes e exilados.

Canonizada: 1946. Dia de Festa: 22 de Dezembro.



A CONVERSÃO DE SÃO FRANCISCO XAVIER

São Francisco Xavier é um dos maiores santos da Igreja católica e um dos maiores missionários de todos os tempos.

Missionou em grande parte da Ásia e converteu milhares e milhares de almas. Há quem fale que ele batizou dois milhões de pessoas.

Além disso, ele formou comunidades católicas pujantes e maravilhosas entre as quais se sobressai a formação e implantação do catolicismo no Japão.

Sua vida foi tão sublime que ele era chamado de padre santo. Operou inúmeros milagres, entre os quais se sobressaem as ressuscitações que promoveu, sendo testemunhadas e documentadas pelo menos 19 delas. Após sua morte seu corpo permanece incorrupto há cerca de 450 anos.

Pois bem, Xavier foi o último filho de numerosa prole. Seus pais haviam decidido que ele levaria o sobrenome materno, pois sua mãe era a última remanescente de uma nobre linhagem e ele teria o sobrenome materno para perpetuar a família de sua mãe. Ele perpetuaria, mas de maneira mais maravilhosa o nome Xavier.

Ainda jovem foi estudar filosofia em Paris e ali logo se tornou professor, tendo pela frente promissora carreira universitária.

Entre seus colegas de faculdade havia um senhor espanhol, vestido como mendigo e vivendo de esmolas, Dom Iñigo Lopes de Recalde, que a História e a Santa Igreja conheceriam como Santo Inácio de Loyola.

Iñigo estava empenhado em formar o que viria a ser a Companhia de Jesus. E logo viu em Xavier uma alma de eleição para realizar grandes coisas por Deus.

Mas o jovem professor tinha certa aversão por Iñigo, julgando-o alguém de estirpe pequena.

Iñigo não desanimou de fazer amizade com Francisco Xavier e, graças a amigos comuns, pode se acercar do jovem professor.



Logo no início da amizade indagou a Francisco o que ele queria ser. Ele respondeu que queria terminar o curso de Filosofia. E depois? Perguntou Iñigo. Depois Xavier disse que queria ser professor. E depois? Repetiu Iñigo. Depois seria mestre, seria Doutor.

Ao que Iñigo rebateu: "Depois morrerás e irás para o inferno". "Lembra-te Francisco de que aproveita ao homem ganhar o mundo se vier a perder sua alma".

Francisco nada respondeu, só deu um leve sorriso. Nos dias seguintes, nos meses seguintes, Iñigo a cada dia perguntava a Xavier "de que adianta ao homem ganhar o mundo se vier a perder sua alma".

Xavier sabendo da origem nobre de Iñigo e sua renúncia às coisas da Terra passou a olhá-lo como amigo, mas nada de ceder, até que após 3 anos, Iñigo mais uma vez levantou a pergunta: "de que adianta...".

Xavier responder que achava Iñigo correto, mas ele não queria mudar de vida. Ao que esse argumentou que para a Eternidade de nada valiam as fortunas, a fama, os prazeres e que aqueles que estavam mortos de nada aproveitavam então de sua má vida e mais uma vez argüiu: "de que adianta ao homem ganhar o mundo se vier a perder sua alma?"

Francisco, humildemente, cedeu e se dispôs a seguir Iñigo. Morria o homem velho com seus sonhos terrenos e nascia o homem novo, o grande Apóstolo, o maravilhoso missionário, São Francisco Xavier.



A conversão. — De que serve ao homem...

Paz? Só com Deus

Nunca, como em nossos dias, falou-se tanto em felicidade, realização, paz interior. Acreditamos que nunca, como em nosso tempo, os homens estejam tão distantes de conseguir tais coisas.

Só para exemplificarmos, vejamos: em nossos dias há um sem número de diversões para os homens; boas umas, péssimas outras, indiferentes algumas. Quadras de squash, de tênis, paintball, locadoras, videogames, danceterias, excursões, esportes em geral etc. são componentes do universo das diversões e, com tantas diversões, os homens vivem infelizes.

Alguém dirá que aquilo que dizemos é balela. Mas como esse alguém veria o fato que a maior causa de mortes entre jovens, nos países mais ricos do mundo, é o suicídio? Ou o que diria do fato de hoje em dia existirem um sem número de psicólogos, psicanalistas, psiquiatras, terapeutas atuando.

Esses fatos mostram que o ser humano não está feliz, não está contente. não tem paz.

Tem-se desenvolvimento científico, avanços tecnológicos, grande número de coisas para o bem estar material, mas não se tem o homem verdadeiramente realizado. Sim, para os ímpios não há paz, diz a Sagrada Escritura, sem Deus o homem vive no vazio e insatisfeito.

Não é na riqueza, no conforto, no prazer que o homem encontrará seu repouso, mas somente em Cristo Jesus, e neste Crucificado.

Já dizia o poeta Camões: "Tu que des ansos buscas com cuidado, neste mar do mundo tempestuoso, não esperes encontrar nenhum repouso, senão em Cristo Jesus Crucificado".

E gostaríamos de encerrar este artigo com um fato que há anos nos foi contado: um psiquiatra judeu recebeu em seu consultório um possível cliente todo cheio de problemas. O médico lhe perguntou se ele era católico, ao que ele disse que sim. O médico então retrucou e disse que procurasse um padre e fizesse uma boa confissão, não custaria nada e o resultado seria melhor incomensuravelmente.

Santa Loucura

Numa época como a nossa, em que imperam os prazeres, em que se pede aos jovens sucesso, quem quiser viver para um ideal e um ideal católico, é logo taxado de louco.

Uma jovem que quisesse viver para a oração, fugindo do mundo, seria tida como uma frustrada. Um moço que decidisse viver para salvar almas seria visto como fracassado. Em suma, quem quisesse viver para Deus seria tido como louco.

Felizmente houve na história tantos que quiseram ser "loucos" dessa forma.

Houve gente como Santo Agostinho que, renunciando aos prazeres desse mundo, dedicou sua vida a Deus e pode depois afirmar "Tarde Te amei, Beleza tão antiga e sempre nova".

Houve jovens, como São Francisco que deixando tudo, tudo encontrou, restaurando a cristandade medieval.

Houve também um capitão espanhol que renunciando a sua carreira militar e a todos seus sonhos humanos, fez-se soldado de Deus e foi herói da Contra-Reforma e da Catequese dos povos das terras descobertas. Refiro-me a Santo Inácio de Loyola.

Houve, outrossim, uma menina de quinze anos, Santa Terezinha, que se fez carmelita e converteu inúmeras almas em sua vida de oração e sacrifícios.

Em resumo, houve tantos homens que tomados pela Santa loucura da Cruz foram exemplos, pontas de lança de nossa Religião Católica.

O mundo precisa desses "loucos", Deus pede a nossa dedicação. Correspondamos.



O INFERNO EXISTE (II)

**A razão humana confirma
a existência do inferno**

Quem são, afinal, os que negam a existência do inferno? Talvez pessoas honestas? Ao contrário! São os libertinos que espezinham todo o ditame da consciência para viverem à solta, aqueles aos quais repugna crer em um Deus vingador, por bem saberem que merecem seus castigos. Mas, conseguem eles persuadir-se de que não há uma justiça que vela sobre os homens e que punirá seus pecados? Jamais! Enquanto negam com os lábios a existência do inferno, sentem no âmago da consciência o remorso e uma voz que lhes anuncia terrível vingança.

O próprio Voltaire, o corifeu da impiedade, não conseguiu convencer-se de que não há nada depois do túmulo; tanto assim que, quando adoecia gravemente, apressava-se em chamar o padre para se retratar de suas máximas tão ímpias.



Deus imprimiu em nosso coração noções imutáveis de justiça, e a idéia de um prêmio à virtude, de um castigo ao vício. Certo ímpio se vangloriava, numa roda, de não acreditar no inferno; entre os que o ouviam estava um homem de bom senso e modesto, mas que julgou ser seu dever tapar a boca ao estulto interlocutor, e o fez com este simplicíssimo argumento: - "Senhor, disse-lhe, os reis da terra têm cárceres para punir rebeldes; e Deus, Rei do universo, não há de ter cárceres para os que ultrajam a sua majestade?" O ímpio não soube que responder, pois o mesmo lume da razão lhe fazia ver que se os reis têm prisões, Deus deve ter um inferno.

Da negação do castigo e do prêmio na outra vida, seguir-se-ia que Deus não existe, ou se existe, não cuida dos homens; e não haveria nenhuma diferença entre virtude e vício, entre

justiça e injustiça. Morre um ladrão, carregado de delitos, e morre um inocente que durante a vida praticou a virtude e fez bem ao próximo; quereis que tenham a mesma sorte? Deus, infinitamente justo, não há de punir os crimes do primeiro e recompensar as boas obras do segundo? Morre S. Paulo no deserto, depois de ter vivido quase um século no jejum, na penitência, louvando e servindo a Deus; e morre Nero, depois de ter cometido toda espécie de crueldades; quereis que tenham igual sorte? Portanto, a mesma razão, o bom senso nos fala de um lugar onde serão castigadas as transgressões da lei divina.

Nem mesmo a eternidade das penas repugna aos ditames de reta razão.

Um dia, uma alma santa meditava no inferno, e considerando a eternidade dos suplícios, aquele terrível nunca e o terrível sempre, ficou bastante impressionada, porque não compreendia como se pudesse conciliar esta severidade sem medida com a bondade e outras perfeições divinas.

- Senhor, dizia ela, eu me submeto aos vossos juízos, mas, permiti-me, não sejais demasiado rigoroso.

- Compreendes, foi a resposta, o que seja o pecado? Pecar é dizer a Deus: não Vos obedecerei; pouco se me dá da vossa lei; rio-me das vossas ameaças!

- Vejo, Senhor, como o pecado é um monstruoso ultraje à vossa divina majestade.

- Pois bem, mede, se podes, a grandeza desse ultraje.

- Compreendo, Senhor, que esse ultraje é infinito, porque vai contra a majestade divina.

- Não se exige então um castigo infinito? Mas como tal castigo não pode ser infinito quanto à intensidade, sendo a criatura limitada, requer a justiça que seja infinito ao menos quanto à duração: portanto, é a mesma justiça divina que exige o terrível sempre e o terrível nunca. Os próprios condenados serão obrigados a prestar homenagens, mau grado seu, a esta justiça e exclamar em meio aos tormentos: "Vós sois justo, Senhor, e retos os vossos juízos". (Salmo 118).

Mas, replicam os incrédulos, Deus é tão misericordioso que não castigará eternamente

um pecado mortal só, o qual às vezes dura um instante. Que proporção há entre a breve duração da culpa e a eternidade da pena?

A isto respondemos, que a misericórdia não é nada contrária à justiça, a qual exige seja eternamente castigado o pecado de uma pessoa que tenha morrido impenitente; visto que o pecado de tal pessoa é de certo modo eterno, segundo a sua voluntária disposição presente, querendo morrer no pecado: o que merece uma pena eterna. Até a justiça humana, imagem da justiça divina, castiga por vezes a falta passageira com a pena, a seu modo, eterna, como é o exílio perpétuo; de modo que, se o exilado vivesse sempre, para sempre seria banido da sua pátria. E porque a divina justiça não poderá banir eternamente da pátria celeste um pecador impenitente, que por si mesmo se exclui dessa pátria, morrendo voluntariamente na impenitência final? De resto, eterno é o prêmio que Deus prepara a quem o serve, e por isso eterno deve ser também o castigo para aqueles que se rebelam contra sua santa lei.

Afinal. Quem somos nós que ousamos levantar a fronte e pedir a Deus a razão de seus justos decretos?



Testemunhas de Além Túmulo

Em sua infinita misericórdia, Deus, depois de haver revelado o dogma do inferno, tem permitido, de onde em onde, que alguma alma venha da eternidade para confirmar-nos a existência daquele lugar de penas. Tais aparições são mais freqüentes do que comumente se crê; e quando são atestados por pessoas idôneas e fidedignas, tornam-se fatos inegáveis, que se admitem como todos os outros fatos da história. Apresso-me, porém, a declarar que não entendo trazer esses fatos como argumento principal e básico com que se demonstre e se estabeleça o dogma do inferno, porque este nos é demonstrado pela palavra infalível de Deus; narro tais aparições somente



para confirmar e elucidar essa verdade, e como argumento de salutar meditação.

Monsenhor Ségur, no seu áureo opúsculo sobre o inferno narra três fatos, cada qual mais autentico, acontecidos não faz muito.

O primeiro, diz ele, sucedeu quase em minha família, pouco antes da terrível campanha de 1812, na Rússia. Meu avô materno, o Conde Rostopckine, governador militar de Moscou, era intimamente relacionado com o general Conde Orloff, tão valoroso, quanto ímpio.

Um dia, após a ceia, o conde Orloff e um seu amigo, o general V..., volteriano como ele, puseram-se a ridicularizar a religião e sobretudo o inferno:

- Mas..., disse Orloff, e se houvesse alguma coisa além do túmulo?

- Neste caso..., diz o general V..., o primeiro que morrer virá avisar o outro, de acordo?

- Pois não, responde Orloff.

E ambos prometeram seriamente não faltar à palavra.

Algumas semanas após, desencadeou uma daquelas guerras que Napoleão sabia suscitar, o exercito russo foi chamado às armas, e o general V... recebeu ordem de partir incontinenti para um posto de comando.

Duas ou três semanas depois da partida de Moscou, quando meu avô se levantava, bem cedo, viu abrir-se bruscamente a porta do quarto e entrar o conde Orloff, com roupa de dormir, de chinelos, cabelo em desalinho, olhos esbugalhados, pálido como cera.

- Oh! Orloff! Vós aqui, a esta hora? Neste traje? Que aconteceu?

- Meu caro, responde Orloff, eu perco a cabeça; vi o general V...

- Oh! Ele já voltou?

- Não, continua Orloff, atirando-se a um divã, não, não voltou, e é isso que me espanta.

Meu avô nada compreendia e procurava acalmá-lo.

- Contai-me, então, lhe disse, o que aconteceu e o que significa tudo isto.

Fazendo grande esforço para se acalmar, o conde Orloff contou o seguinte:

- Meu caro Rostopckine, não faz muito, o general V... e eu, juramos que o primeiro que morresse, viria avisar o outro se há de fato alguma coisa além do túmulo. Ora, pela madrugada, enquanto estava tranqüilo na cama, acordado, sem pensar no amigo nem no juramento, abre-se de repente o cortinado do meu leito e vejo, a dois passos de mim, o general V... de pé, desfigurado, com a mão direita no peito e me fala: "Existe um inferno, e eu lá estou"... e desapareceu. Na mesma hora corri até cá, eu perco a cabeça". Que coisa estranha! Não sei o que pensar!

Meu avô tranqüilizou-o como pôde: falou-lhe de alucinação, fantasia... que ele talvez estivesse dormindo... que às vezes dão-se casos extraordinários, inexplicáveis... E procurava persuadi-lo com outros meios termos, que apesar de nada valerem, servem para consolar os céticos. Mandou preparar o coche e acompanhou o conde a sua casa.

Dez ou doze dias depois deste estranho acontecimento, um estafeta do exército comunicava ao meu avô, entre outras coisas, a morte do general V...

Naquela madrugada em que o conde Orloff o tinha visto e ouvido, o infeliz general, saindo a estudar a posição do inimigo, foi varado por uma bala e caiu morto.

"Existe um inferno, e eu lá estou"... eis as palavras de um que veio do outro mundo!

O segundo fato é referido pelo mesmo autor, que o tem por indubitável, como o precedente, pois o ouviu da boca de um respeitabilíssimo eclesiástico, superior de importante comunidade, o qual, por sua vez, soube os pormenores mediante um parente da senhora, com a qual se deu tal fato. Naquele tempo, isto é, por ocasião do Natal de 1859, ela

ainda vivia e contava pouco mais de quarenta anos.

Achava-se essa dama em Londres no inverno de 1847 e 1848; enviuvara aos 29 anos, era muito rica e muito amiga dos divertimentos mundanos. Entre as pessoas elegantes que freqüentavam a sua casa, notava-se especialmente um moço, cujas contínuas visitas a comprometiam não pouco e cuja vida estava longe de ser edificante.

Uma noite, a senhora lia não sei que romance para conciliar o sono. Ouvindo bater o relógio, apagou a vela e dispunha-se para deitar, quando percebeu, com grande assombro, que uma luz estranha e pálida vinha da porta do salão contíguo e espalhava-se a pouco e pouco no quarto, aumentando sempre. Não sabendo o que era, do pasmo passou ao medo; eis senão quando viu abrir-se lentamente a porta do salão e entrar no quarto o jovem desregrado, o qual, antes que ela pudesse pronunciar palavra, aproximou-se, tomou-a pelo braço esquerdo, apertando-lhe fortemente o pulso, e com acento desesperado, lhe falou em inglês:

- Existe o inferno!

Foi tão grande o susto, que a senhora perdeu os sentidos. Voltando a si, tocou nervosamente a campainha para chamar a criada, que a atendeu; entrando no quarto, esta sentiu logo mau cheiro de queimado e chegando-se à ama, que com dificuldade articulava umas palavras, pôde ver que tinha ao redor do pulso uma queimadura tão profunda que a carne desaparecera e ficava à mostra o osso. Observou, além disso, que da porta do salão até o leito e do leito à porta do salão estava impressa a pegada de um homem, que tinha queimado o pano de parte a parte. Por ordem da ama, abriu a porta do salão, e notou que lá terminavam as pegadas no tapete.

No dia seguinte, a desditosa senhora soube com aquele medo que bem se compreende, que, alta noite, o tal moço se embriagara em excesso, e transportado para casa, veio a morrer pouco depois.

Ignoro, acrescenta o superior, se esta terrível lição tenha convertido a infeliz dama; o que sei é que ela ainda vive e para esconder aos olhares curiosos o sinal daquela sinistra

queimadura, leva no pulso, à guisa de bracelete, um largo enfeite de ouro, que não deixa nem de dia, nem de noite. Repito que os particulares eu os tive da boca de um seu parente próximo, católico sincero, a cuja palavra presto fé. Os parentes não falam do ocorrido e é porisso que tenho o cuidado de ocultar o nome da família.

Apesar do véu, no qual esta aparição foi e deveu ser envolvida, não me parece, acrescenta *M. de S. J. S. S. S.* Ógur, que se possa pôr em dúvida a formidável autenticidade.

O terceiro fato aconteceu na Itália.

Em 1873, em Roma, alguns dias antes da Assunção, uma moça, bastante má, machucou uma das mãos. Levaram-na para o Hospital da Consolação. Ou porque o sangue estivesse muito deteriorado, ou porque sobreviesse grave complicação, a infeliz morreu naquela noite.

No mesmo instante, uma de suas companheiras, que não sabia o que acontecera no hospital, pôs-se a gritar desesperadamente, a tal ponto que acordou toda a vizinhança e provocou a intervenção da polícia.

A companheira que morrera no hospital apareceu envolvida em chamas e lhe disse: "Estou condenada, e se não queres condenar-te também, sai deste lugar infame e volta a Deus".

Nada conseguiu acalmar a agitação da jovem, que bem cedo abandonou aquela casa, deixando a todos atônitos, especialmente depois de divulgada a noticia da morte da companheira, no hospital.

Aconteceu que, logo depois, a proprietária da casa, uma garibaldina exaltada, caiu doente, mandou logo chamar um padre, dizendo que queria receber os sacramentos. A Autoridade Eclesiástica delegou para esse fim um digno sacerdote, Monsenhor Pirolli, pároco de S. Salvador, em Laura. Munido de especiais instruções, ele se apresentou e exigiu, antes de tudo, que a doente fizesse, perante testemunhas, plena retratação de suas blasfêmias e insultos contra o Sumo Pontífice e declarasse que afastaria as ocasiões de pecado. Sem a menor hesitação, a infeliz promete e então se confessa e recebe o Sagrado Viático com grandes sentimentos de penitência e humildade.

Pressentindo o seu fim, a pobre mulher, com lágrimas nos olhos, suplicou ao padre que não a abandonasse, amedrontada como estava por aquela aparição. Assim, teve a grande graça de ser assistida nos últimos momentos pelo ministro de Deus.

Toda Roma conheceu logo os particulares desta tragédia.



Como sempre, os ímpios e os libertinos fizeram dela objeto de chacota, abstendo-se, à aposta, de obter oportunas informações; mas, de sua parte, os bons aproveitaram para se tornarem melhores e mais exatos no cumprimento de seus deveres.

Pe. André Beltrami - SDB

